

Itãs bordados na pele: a representação de lemanjá na construção do corpo-território de Rachel Reis

Marcos Welinton Freitas das Mercês¹  Eduardo Oliveira Miranda² 

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana- Brasil

² Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil

*Autor de correspondência: marcoswellmkt@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Arkhé
lemanjá
Itãs
Semiótica

KEYWORDS:

Arkhé
lemanjá
Itãs
Semiotics

PALABRAS-CLAVE:

Arkhé
lemanjá
Itãs
Semiótica

RESUMO

No contexto da indústria cultural, os mitos e narrativas mitológicas desempenham um papel crucial na construção da identidade visual de muitos artistas. Na trajetória de Rachel Reis, uma cantora e compositora baiana natural de Feira de Santana, é notável a integração dos símbolos e ícones relacionados aos itãs da orixá lemanjá em sua identidade artística. No ensaio fotográfico produzido especificamente para a revista Glamour em fevereiro de 2024, a artista revela elementos visuais que ajudam a compreender a sua identidade e conexão com a divindade marítima iorubá. Ao explorar o conceito de arkhé, conforme definido por Muniz Sodré (2005) como a base primordial que impulsiona a cultura e os rituais dos orixás, este trabalho busca investigar como a artista utiliza esses elementos, destacados especialmente nas fotos da revista Glamour, para construir sua identidade visual. Essa análise será embasada em uma abordagem semiótica, seguindo os princípios estabelecidos por Martine Joly.

ABSTRACT

In the context of the cultural industry, myths and mythological narratives play a crucial role in shaping the visual identity of many artists. In the career of Rachel Reis, a singer and songwriter from Feira de Santana, Bahia, the integration of symbols and icons related to the itãs of the orixá lemanjá is evident in her artistic identity. In the photo essay produced specifically for Glamour magazine in February 2024, the artist reveals visual elements that help to understand her identity and connection with the Yoruba sea goddess. By exploring the concept of arkhé, as defined by Muniz Sodré (2005) as the primordial basis that drives the culture and rituals of the orixás, this work seeks to investigate how the artist uses these elements, especially highlighted in the photos from Glamour magazine, to construct her visual identity. This analysis will be based on a semiotic approach, following the principles established by Martine Joly.

RESUMEN

En el contexto de la industria cultural, los mitos y las narrativas mitológicas desempeñan un papel crucial en la construcción de la identidad visual de muchos artistas. En la trayectoria de Rachel Reis, una cantante y compositora de Feira de Santana, Bahía, es notable la integración de los símbolos e íconos relacionados con los itãs del orixá lemanjá en su identidad artística. En el ensayo fotográfico producido específicamente para la revista Glamour en febrero de 2024, la artista revela elementos visuales que ayudan a comprender su identidad y conexión con la deidad marítima yoruba. Al explorar el concepto de arkhé, tal como lo define Muniz Sodré (2005) como la base primordial que impulsa la cultura y los rituales de los orixás, este trabajo busca investigar cómo la artista utiliza estos elementos, especialmente destacados en las fotos de la revista Glamour, para construir su identidad visual. Este análisis se basará en un enfoque semiótico, siguiendo los principios establecidos por Martine Joly.

SUBMETIDO: 10 de julho de 2024 | **ACEITO:** 15 de julho de 2024 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2024

© ODEERE 2024. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

“Na maresia a gente vai coladinho” (Rachel Reis, 2021).

Assim como Rachel Reis ao cantar e declamar na epígrafe acima é que vamos aprendendo a partir da maresia do nosso vocabulário baianês a construir com calma, sem pressa, com muita sabedoria, mas sem preguiça, porque maresia pra gente é o avesso da preguiça, maresia é uma tecnologia de quem espreita com a calma para acertar o alvo desejado.

Por isso, ao propor um estudo que intenta compreender o campo das visualidades, imagens, corpo, estética e toda a semiótica reinterpretada pela cantora feirense Rachel Reis, com destaque para o Legado Africano (SANTANA, 2004) que tece o corpo-território (MIRANDA, 2020) da artista.

Para tal, escolhemos o ensaio fotográfico produzido especificamente para a revista *Glamour* em fevereiro de 2024, onde a cantora revela elementos visuais que ajudam a compreender a sua identidade e conexão com a orixá de origem loruba: Iemanjá. A partir do posicionamento de Rachel Reis em assumir a inspiração na deusa africana é que nos legitimamos em olhar para as imagens da revista *Glamour* e realizar um estudo que não busca determinar se as imagens apresentam uma retratação fidedigna dos elementos simbólicos da orixá, mas sim, criar uma linha de compreensão acerca da inspiração enquanto uma estratégia de ser o contraponto ao óbvio: a referência a divindades de origem greco-romana.

Neste cenário, optamos em destacar o trabalho da artista em voga por ter aderência com os nossos estudos acadêmicos, os quais tem caminhado pela Decolonialidade Afro-Brasileira, a qual “busca reverberar os valores civilizatórios das diásporas africanas que em muito ficou perdido, apagado e silenciado pelo cimento eurocêntrico” (MIRANDA, 2022, p. 31).

Ademais, acreditamos que para atender ao objetivo deste artigo, faz-se de extrema necessidade algumas seções que se debruçam acerca de alguns aspectos conceituais indispensáveis no trato com a estética de inspiração afro-diaspórica. Neste sentido, discutiremos a seguir: a concepção de Arkhé com base

nos estudos de Muniz Sodré; iconografia de iemanjá através dos itãs; análise semiótica das imagens.

Arkhé: a manifestação da ancestralidade no corpo território

É no corpo-território que o visível faz uma ponte para o não-visível, neste sentido é necessário esclarecer conceitos que subvertam a lógica colonial para entender como a artista Rachel Reis constrói a sua visualidade a partir da ancestralidade. Muniz Sodré (2005, p. 8) destaca como as tramas que envolvem o conceito de cultura estabelecem aos corpos-territórios marginalizados a conotação de outros, por não se adequarem aos padrões impostos pela ideologia dominante.

Ao estabelecer a cultura constituída em um cenário onde o mito que não se revela seduz a verdade, Muniz Sodré (2005, p. 15), busca esclarecer como a ideologia dominante impõe certezas sobre corpos-territórios, colocando-os a margem como "os outros" que não fazem parte do pré-estabelecido esquema de civilização eurocêntrico. Assim, o corpo-território "recai na leitura embaçada e colonial sobre os elementos que compõem as suas espacialidades, em que muito se perde, detalhes são minimizados, particularidades são homogeneizadas" (MIRANDA, 2020, p. 27). Através de uma análise minuciosa da genealogia do conceito de cultura, Muniz Sodré chega ao conceito de arkhé.

Arkhé pode ser entendido, assim como no ideograma africano, sankofa, representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, um retorno ao passado, um reconhecimento da potência ancestral que não se esgota, ilimitada, que sempre gera, que é também futuro "na medida em que se deixa entender como o vazio que se subtrai às tentativas puramente racionais de apreensão, e que, por isso mesmo, aciona o esforço das buscas" (SODRÉ, 2005, p. 15).

Assim como a dialética ancestral forja o corpo-território com ênfase nos contrastes (MIRANDA, 2020), na Arkhé africana "o corpo se concebe como um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a região, a aldeia, a casa), igualmente feito de minerais, líquidos, vegetais e proteínas, para cuja formação e preservação ocorrem elementos do presente cósmico e da ancestralidade" (SODRÉ, 2014).

A Arkhé africana, assim como a dialética ancestral, utiliza configurações simbólicas para se estabelecer visível no contexto do corpo-território. Ao observar as configurações simbólicas, e considerar o corpo como um microcosmo do espaço amplo, onde os símbolos e rituais ancestrais se tornam visíveis tanto na expressão artística, como nas práticas cotidianas, nas relações sociais e na forma como o corpo se movimenta e interage com seu ambiente, Muniz Sodré (2014, p.1) reforça que:

(...) certas configurações simbólicas que celebram a Arkhé, isto é, a ritualização da origem e do destino, dentro do próprio espaço geográfico em que a sociedade moderna procura implementar a todo custo a lei estrutural de organização do mundo pelo valor econômico, que é o capital. O simbolismo da liturgia e dos mitos permanece, em meio ao império do racionalismo empirista, como uma porta de acesso a imagens primais e a anseios de transcendência

Nesse sentido, as configurações simbólicas representam uma linguagem visual e cultural que torna tangíveis os elementos fundamentais da ancestralidade no corpo-território. Assim, em meio ao império do racionalismo empirista, da verdade seduzida, o simbolismo da liturgia e dos mitos permanece como um portal de acesso a imagens primais e anseios de transcendência (SODRÉ, 2014, p.15).

É no corpo-território que a arkhé se manifesta como saberes simbólicos: estes que estão presentes nos orixás e rituais das religiões de matriz africana (PETIT; CRUZ, 2008, p. 7) que vem de muito longe, revelando aspectos da realidade, que desafiam qualquer outro meio de conhecimento (ELIADE, 1996, p. 13), tornando visível o invisível.

Atentando ao conceito de Arkhé estabelecido, é desta maneira que Rachel Reis incorpora imagens e símbolos ancestrais na construção da sua visualidade, usando como palco o seu corpo-território traçando um caminho para o destaque no Legado-Africano.

Iconografia de Iemanjá através dos Itãs

Na canção Yemanjá Rainha do Mar, interpretada por Maria Bethânia e composta por Pedro Amorim e Paulo Cezar Ribeiro, somos conduzidos por uma

jornada de descobrimentos da poderosa entidade iorubá da etnia Egbá, Iemanjá. Bethânia, ao longo da canção revela uma série de nomes e atributos que identificam e caracterizam essa entidade: Dandalunda, Janaína, Marabô, Princesa de Aiocá, Inaê, Sereia, Mucunã, Maria, Dona Iemanjá. Além dos nomes, ainda na canção, outras características da deusa são expostas, como o seu habitat, como ela é saudada e seus gostos pessoais. A partir do que é dito é possível refletir sobre a sua iconografia e representação semiótica, mas para além da canção, os itãs que compõe a cosmopercepção da orixá nos fornecem um panorama simbólico de elementos que a tornam visível através da arkhé.

Por meio da análise semiótica, é possível identificar os componentes presentes nos domínios da deusa. Nessa perspectiva, um ícone apresenta similaridades físicas com o objeto que representa, enquanto um símbolo, por ser abstrato, remete a um objeto por meio de associações de ideias originadas por uma convenção (SANTAELLA, 1983).

Odojá, saudação dirigida a Iemanjá tem por significado “mãe das águas” ou “senhora das águas”, o que traz para o centro desta discussão iconográfica a sua relação com o elemento natural água, que é diretamente representada em seus itãs e ritos. Suzana Salomão (2012, p. 16) sugere que dado ao fato de a floração das civilizações ter se dado nos grandes vales de rio, seguindo suas margens, propiciando a manutenção da vida do homem através da agricultura e pecuária, creditava-se a água como força mítica provedora da vida, associada a fertilidade. Nessas sociedades, a fertilidade das mulheres e dos campos é uma preocupação central, sendo a arte a principal forma de expressão dessa preocupação (SALOMÃO, 2012, p. 17).

O culto a Iemanjá se estabelece as margens do rio Ogum, na Nigéria, onde as mulheres recorriam a preces e rituais, em busca da fertilidade e saúde dos seus bebês e crianças. Essa relação simbólica entre a água, a fertilidade e a orixá é representada no itã que descreve como ela ajudou Olodumare na criação do mundo (PRANDI, 2003, p. 380). Na narrativa, a deusa nasce como filha de Olocum, orixá metade mulher, metade peixe que habita os mares e oceanos. Iemanjá se assenta na superfície do mar, próximo da terra, “com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas” (PRANDI, 2003, p. 380).

Iemanjá é também mãe de todos os orixás, tecendo ainda a sua relação simbólica com a fertilidade, foi graças a ela e ao seu encanto pela terra, que nasceram os rios, as cascatas, os lagos, o fogo no fundo da terra foi apagado e cada natureza foi dada de presente para um dos seus filhos, propiciando o nascimento dos humanos (PRANDI, 2003, p. 381). Esteticamente, conotando seu aspecto de mãe ela passou a ser representada comumente em tradições artísticas africanas por estatuetas pequenas de uma mulher de seios grandes e vulva aparente, e certas vezes segurando ao colo uma criança como na imagem 1.

Imagem 1: Iemanjá – Séc. XVII, Nigéria – Barakat Gallery, USA



Fonte: Google Imagens

Em um dos seus inúmeros itãs que narram como ela dá à luz aos orixás, essas características ficam evidentes como é o caso daquele que narra o momento em que ela é violentada por Orungã, seu filho e dos seus enormes seios como duas montanhas nascem dois rios, e seu ventre descomunal se rompe dando à luz aos orixás (PRANDI, 2003, p. 382). Ainda considerando seu aspecto materno, Iemanjá mantém uma relação com as estrelas e as nuvens, que também nasceram de sua barriga (PRANDI, 2003, p. 385).

Iemanjá está associada também a vingança, ao passo que em duas narrativas míticas, ela vinga o seu filho, após o mesmo ter sido sentenciado a morte por calúnia levantada (PRANDI, 2003, p. 386) e destrói a humanidade e noutra irrita-se com a sujeira que os homens lançam ao mar. Assim, ela invade a terra com suas

águas salgadas tanto para destruir seus inimigos, como por auxílio das ondas para devolver para a terra o que não é do mar (PRANDI, 2003, p. 392).

Beleza e sensualidade também são domínios de Iemanjá, assim é constatado em episódios como quando ela trai seu marido Ogum com Aiê (PRANDI, 2003, p. 388), ou quando finge-se de morta para enganar Ogum e viver livre com seu amante (PRANDI, 2003, p. 390), noutra itã, seduz seu filho Xangô e ainda por conta do seu apetite extravagante, seduz e afoga os pescadores (PRANDI, 2003, p. 395).

Para além dos seus itãs a orixá dos mares também está associada a figura da sereia por um processo de aculturação, trazidos para o Brasil pelos africanos durante a diáspora. É possível, segundo sugere Suzana Salomão (2012, p. 40) havia um mito dos bantos de Angola sobre entidades aquáticas que eram sereias poderosas, a exemplo de Kianda. No entanto, como revela os itãs de Iemanjá, Olocum, era sua mãe, e esta é representada como uma sereia (PRANDI, 2003, p. 403).

A luz dos itãs, considerando o conceito já discutido de ícone e símbolo, podemos destacar que dentro da iconografia de Iemanjá estão presentes os seguintes ícones associados à sua figura: mãe das águas, relação com a fertilidade, aspecto materno e criação, vingança, poder, beleza, sensualidade, sedução, associação com signos marítimos como as sereias, as conchas, as estrelas-do-mar, peixes, conchas e madrepérolas. São esses elementos que serão observados e analisados na estética de Rachel Reis, presente nas fotos feitas para a revista Glamour e que são o nosso objeto de estudo. Neste contexto o seu corpo-território é o teatro onde o mito é reencenado e a ancestralidade reescreve um caminho de volta ao passado, dando a luz ao presente que se manifesta na conexão simbólica e visual, recriando a presença poderosa de Iemanjá na contemporaneidade.

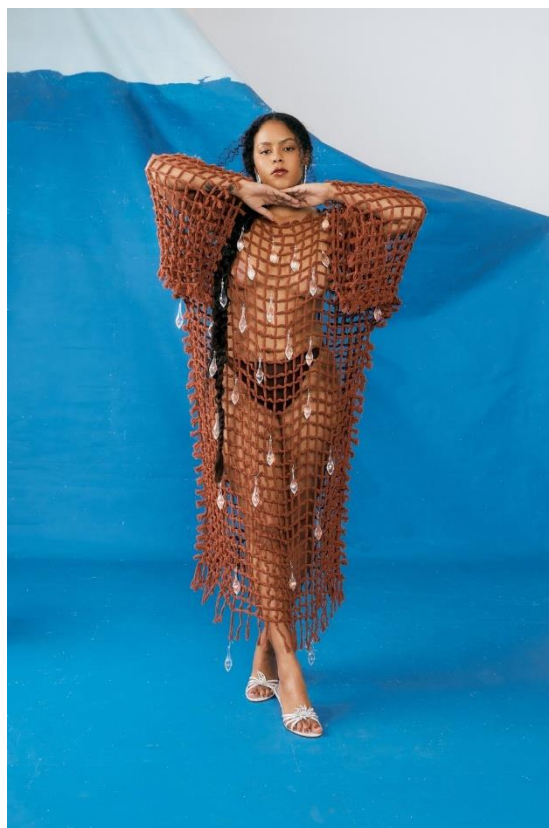
Rachel Reis: uma performance semiótica a luz da Arkhé

Ao posar para as lentes de Luan Martins para divulgação em entrevista para a revista Glamour em janeiro de 2024, a artista Rachel Reis transcende as fronteiras da moda e da representação visual. Sua colaboração com o fotógrafo não é

apenas uma sessão de fotos, mas sim uma performance semiótica, onde cada gesto, expressão e elemento visual tornam tangíveis os símbolos ancestrais no corpo-território.

Através da estética do bordado e do crochê que permeiam suas roupas, como na imagem 2, Rachel Reis não apenas veste uma criação, mas constrói um discurso visual que ecoa a áurea mítica e ritualística que envolve seu corpo-território. Cada ícone e símbolo presentes em suas peças reencenam os itãs de lemanjá, conectando-se a uma rica tapeçaria de significados culturais e ancestrais.

Imagem 2: Rachel Reis - Divulgação | Luan Martins



Fonte: Revista Glamour

Na imagem 2, também estão presentes as madreperlas e a cor azul que são associadas ao mar e a orixá lemanjá (PRANDI, 2003, p. 380). As madreperlas neste sentido, não são puramente acessórios, assim como a cor azul, são um elo visual direto com o mar, elemento central na mitologia de lemanjá, ou Odoyá, a mãe das águas.

Este tipo de associação mental, que ajuda a distinguir os diferentes elementos uns dos outros, tem o mérito de permitir interpretar as cores, as formas ou os motivos por aquilo que eles são, algo que fazemos de um modo relativamente espontâneo, mas também, e sobretudo, por aquilo que eles não são (JOLY, 1996, p. 58). Com efeito, este método alia à análise simples dos elementos presentes a análise da escolha destes elementos entre outros, o que a vem enriquecer consideravelmente. Neste contexto a análise da imagem proposta por Martine Joly (1996) lança luz sobre essa narrativa visual, permitindo-nos vislumbrar como as fotografias evocam a arkhé através dos símbolos e ícones, que por sua vez, evocam emoções, memórias e mitos compartilhados pela cultura afro-brasileiras, percebendo não apenas o que os elementos representam, mas também as escolhas específicas que os tornam significativos dentro da narrativa visual evocada.

Na imagem 3, a cantora novamente se referencia ao mar usando o fundo azul, mas além disso, traz a figura da sereia, ou lemanjá-sereia, filha de Olocum, decolonizando uma já conhecida posição de braços e mãos, antes encenada por uma divindade também ligada as águas, eurocentrada, vinda da Grécia antiga, Afrodite. Essa representação simbólica não apenas resgata elementos da mitologia afro-brasileira, mas também subverte e reinterpreta imagens eurocentradas, desafiando e questionando representações hegemônicas através da arkhé, reafirmando a sua identidade, resgatando a sua resistência cultural através do corpo-território.

Imagem 3: Rachel Reis — Foto: Divulgação | Luan Martins



Fonte: Revista Glamour

A narrativa de irrupção continua com outras fotografias, onde os signos icônicos se repetem reforçando a ligação da artista com a orixá, senhora das águas. Na entrevista concedida a revista, a mesma fala sobre sua relação com a palavra Odoyá, apelido dado a ela pelo pai, por compará-la a maré, ao balanço e a calma do mar. No entanto, na figura 4, a artista reaparece, agora com uma expressão imponente, vestida com um tecido de seda finíssimo de tons terrosos, colado ao corpo e com os cabelos esvoaçante. No pescoço, traz novamente um signo ligado ao mar, os tentáculos de um polvo. O contraste entre as cores e a pose da foto, remetem a lemanjá imponente, que é bela, mas que também se vinga, característica que está presente em diversos dos seus itãs (PRANDI, 2003, p. 386, 392).

Imagem 4: Rachel Reis — Foto: Divulgação | Luan Martins



Fonte: Revista Glamour

Ao explorar a arkhé através dos símbolos e ícones presentes no ensaio fotográfico realizado por Rachel Reis, percorremos por uma narrativa visual repleta de significados e simbolismos que transcendem o mero aspecto estético. A artista não apenas celebra suas raízes, mas também desafia e reinterpreta narrativas

eurocentradas, reafirmando sua identidade e resgatando resistências culturais através do corpo-território. Cada fotografia se torna uma peça, como as tramas do crochê evocando emoções, memórias e mitos compartilhados pela cultura afro-brasileira, através de uma performance semiótica que ecoa a áurea mítica e ritualística presente na mitologia de Iemanjá.

Conclusão

O corpo-território de Rachel Reis é o palco onde os mitos e os ritos são interpretados, ao se aliar a elementos simbólicos, ela traz à tona os itãs de Iemanjá, revelando a sua conexão com a orixá e uma complexa teia de significados que transcendem o âmbito estético, abrindo caminho para uma reflexão profunda sobre identidade, resistência cultural e decolonialidade.

À luz dos itãs, associados ao conceito de arkhé, é explorado não apenas a base primordial que impulsiona a cultura e os rituais dos orixás, mas também a forma como Rachel Reis incorpora esses elementos em sua expressão artística. A sua performance visual vai além do registro fotográfico, cada ícone presente nas fotografias, sejam a cor azul, as madrepérolas ou os motivos marítimos e as poses significativas, não apenas reforça a ligação com a deusa dos mares, Iemanjá, mas também desafia e subverte representações eurocentradas.

Através da performance visual, a artista não só reafirma sua identidade, mas também abre espaço para reflexões profundas sobre representatividade, diversidade e descolonização do imaginário coletivo. Assim, as tramas mitológicas entrelaçadas na construção do corpo-território de Rachel Reis não são apenas uma expressão artística, mas sim uma afirmação poderosa da herança cultural e ancestral que permeia sua obra e reverbera na sociedade contemporânea.

Referências

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Epistemologias dos odus e decolonialidade afro-brasileira**. Revista Estudos Libertários, v. 4, p. 28-40, 2022.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. **Arkhé: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. Anais... [S.l.]: ANPED, 2008. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais. Área de Identificação: originais em posse do autor.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, Rachel. **Maresia**. Salvador: Estúdio Mangus, 2021. 1 arquivo de áudio MP3, 2 min 24 s. https://open.spotify.com/intl-pt/album/0LeTsEVvfdJ86Hi7uE7CxK?si=Im1GnU_ZREiid5V-zMcFHw. Acesso em: 19 ago. 2024.

SALOMÃO, Suzana Marchiori Moura. **Deusa, Sereia, Rainha do Mar: representações artísticas de Iemanjá**. 2012. 85 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTANA, Marise de. **O legado africano na diáspora e o trabalho docente: desafrikanizando para cristianizar**. 2004. 253 f. (Tese de Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Salvador, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SODRÉ, Muniz. **Cultura, Corpo e Afeto**. Dança, Salvador, v. 3, n. 1, p. 10-20, jan./jul. 2014.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**. Rio de Janeiro-RJ, DP&A, 2005.